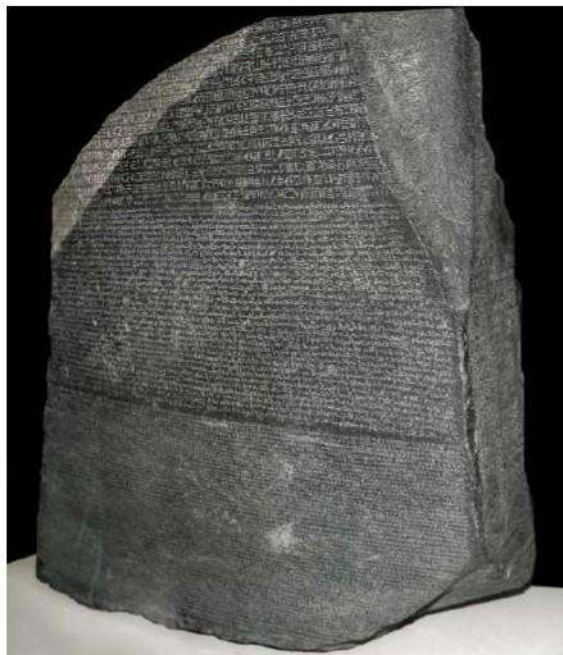


PEDRA DE ROSETA - A chave do Egito Antigo

Reinaldo Jacob (reinaldo.jacob@aasp.org.br)



A Pedra de Roseta é um dos artefatos mais importantes da história da arqueologia e da linguística, tendo sido fundamental para a decifração dos hieróglifos egípcios. Foi esculpida em 196 a.C., durante o reinado do faraó Ptolomeu V Epifânio. Foi encontrada em 15 de julho de 1799 por soldados franceses durante a campanha de Napoleão no Egito, na cidade de Rashid (Roseta), próxima ao delta do Nilo. Monolito de material de granodiorito (uma rocha ígnea semelhante ao granito). Sua medida de aproximadamente 112,3 cm de altura, 75,7 cm de largura e 28,4 cm de espessura. Pesa cerca de 760 kg. Após a derrota dos franceses, a pedra foi cedida ao exército britânico pelo Tratado de Alexandria, em 1801. Foi enviada para a Inglaterra em 1802 e tornou-se propriedade do Museu Britânico, onde permanece até hoje.

Em 1798 Napoleão invadiu o Egito com o objetivo de enfraquecer a influência britânica na região e explorar os tesouros culturais e históricos do Egito. Ele levou consigo uma equipe de estudiosos e cientistas, os savants, para documentar e estudar as riquezas do Egito, incluindo monumentos antigos. A Pedra de Roseta foi encontrada por soldados franceses enquanto trabalhavam nas fortificações de um forte na cidade de Rashid (Roseta), próximo ao delta do rio Nilo. O artefato foi identificado pelo oficial de engenharia Pierre-François Bouchard, que percebeu sua importância ao notar as inscrições em três sistemas de escrita diferentes.

A pedra foi enviada para o Instituto Francês no Cairo, onde foi estudada. Estudos preliminares reconheceram que o texto trilingue poderia ser a chave para decifrar os hieróglifos.

A Pedra de Roseta contém um decreto sacerdotal emitido em homenagem a Ptolomeu V, um governante benevolente e poderoso. O decreto sacerdotal é, em essência, um documento administrativo e religioso, refletindo a interação entre governantes e a elite sacerdotal no Egito Ptolemaico. Os sacerdotes reconhecem Ptolomeu V como um governante divino e garantem seu apoio. Afirmam que o faraó é um protetor da religião e dos templos egípcios. Destacam suas ações em benefício do Egito, incluindo doações aos templos e perdão de dívidas. Mencionam as vitórias militares e esforços para manter a ordem e a prosperidade no reino. Agradecem aos deuses por guiarem o faraó e assegurarem o bem-estar do Egito. Ordena que o texto fosse inscrito em estelas de pedra e exibido em todos os templos importantes do Egito.



O texto está inscrito em três sistemas de escrita, para que pudesse ser compreendido por diferentes públicos. **Hieróglifos:** Para os deuses e sacerdotes, a escrita sagrada utilizada em monumentos. **Demótico:** Para os administradores e o povo comum, uma forma simplificada do egípcio antigo usada em textos cotidianos. **Grego Antigo:** Para os governantes e elites educadas, a língua administrativa usada sob o domínio ptolomaico.



Embora o texto não seja muito longo, sua tripla inscrição, que transmitem o mesmo conteúdo, foi fundamental para decifrar os o significado dos hieróglifos, que até então eram indecifráveis. Jean-François Champollion, em 1822 e outros estudiosos usaram o grego antigo, uma língua conhecida, como base para entender os hieróglifos e o demótico. Ele comparou os textos e identificou padrões linguísticos, como nomes próprios (dentro de cartuchos), que ajudaram a desvendar o sistema de escrita egípcio.

A decifração dos hieróglifos foi o marco inicial da egiptologia como disciplina científica e possibilitou o estudo sistemático da civilização egípcia. Permitiu que pesquisadores comesçassem a traduzir inscrições em templos, tumbas, papiros e outros artefatos, revelando detalhes sobre a vida, cultura, religião, política, economia e a história do Egito Antigo.

Considerada como um símbolo do avanço na compreensão de culturas antigas e na comunicação intercultural, a Pedra de Roseta ilustra o encontro entre culturas distintas. Os hieróglifos representavam a escrita religiosa tradicional do Egito. O demótico era a escrita do cotidiano egípcio. O grego antigo era a língua administrativa dos governantes ptolomaicos, descendentes de Alexandre, o Grande. Este encontro de sistemas de escrita reflete a interação entre diferentes tradições culturais e linguísticas no Egito Ptolemaico.

A Pedra de Roseta também é um símbolo das tensões entre impérios coloniais (França e Grã-Bretanha) no Egito, refletindo debates modernos sobre o retorno de artefatos históricos aos seus países de origem.

Sem a Pedra de Roseta nosso conhecimento sobre o Egito Antigo seria muito mais limitado e muitos aspectos de sua cultura, religião e história permaneceriam um mistério. Ela representa um marco na recuperação do passado da humanidade.

Desde o início do século XX, o Egito tem pleiteado o retorno de importantes artefatos levados por potências coloniais, incluindo a Pedra de Roseta. Argumenta que a Pedra foi retirada durante um período de ocupação e deveria ser repatriada como símbolo de justiça histórica. O povo egípcio deve ter acesso direto a esse artefato, especialmente porque a pedra é crucial para a história de sua própria civilização. Símbolo do avanço da humanidade na compreensão de culturas antigas. Para o Egito, a exibição de artefatos como a Pedra de Roseta em outros países é um lembrete do período colonial, quando muitas riquezas foram retiradas sem o consentimento local. A devolução da Pedra seria um ato simbólico, reconhecendo os danos causados pelo colonialismo e reafirmando o direito das nações de recuperar seus patrimônios culturais.





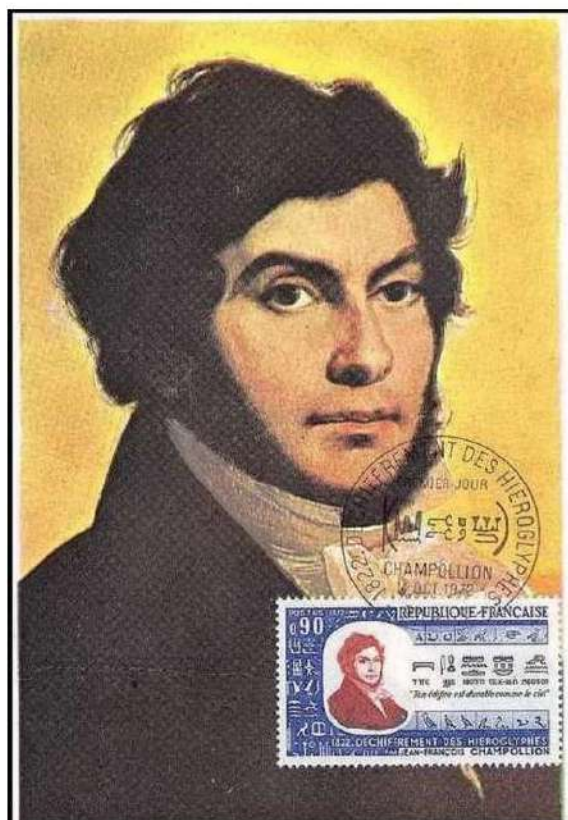
Em 2022, durante o aniversário de 200 anos da decifração dos hieróglifos, o Egito intensificou os pedidos de repatriação, aproveitando a atenção internacional sobre a pedra e seu significado histórico.

Embora o pedido de devolução esteja em andamento e tenha ganhado apoio internacional, a Pedra de Roseta permanece no Museu Britânico. O debate reflete uma questão mais ampla sobre colonialismo,

memória histórica e justiça cultural. A devolução seria um gesto significativo para o Egito, mas enfrenta desafios políticos, legais e institucionais.

Jean-François Champollion e a Pedra de Roseta

Em 1820, Champollion embarcou a sério no projeto de decifração da escrita hieroglífica, logo ofuscando as realizações do polímata britânico Thomas Young, que havia feito os primeiros avanços na decifração antes de 1819. Em 1822, Champollion publicou seu primeiro avanço na decifração dos hieróglifos da pedra de Roseta, mostrando que o sistema de escrita egípcio era uma combinação de sinais fonéticos e ideográficos – a primeira escrita desse tipo descoberta. Em 1824, publicou um Précis na qual detalhou uma decifração da escrita hieroglífica demonstrando os valores de seus signos fonéticos e ideográficos. Em 1829, ele viajou para o Egito, onde pôde ler muitos textos hieroglíficos que nunca haviam sido estudados, e trouxe para casa um grande conjunto de novos desenhos de inscrições hieroglíficas. De volta para casa, ele recebeu uma cátedra de egiptologia, mas só lecionou algumas vezes antes de sua saúde, arruinada pelas dificuldades da jornada egípcia, obrigá-lo a desistir de ensinar. Ele morreu em Paris em 1832, 41 anos. Sua gramática do egípcio antigo foi publicada postumamente.



Durante sua vida e muito depois de sua morte, intensas discussões sobre os méritos de sua decifração foram realizadas entre os egiptólogos. Alguns o culpavam por não ter dado crédito suficiente às primeiras descobertas de Young, acusando-o de plágio, e outros por muito tempo contestaram a precisão de suas decifrações. Mas descobertas subsequentes e confirmações de suas leituras por estudiosos com base em seus resultados gradualmente levaram à aceitação geral de seu trabalho. Embora alguns ainda argumentem que ele deveria ter reconhecido as contribuições de Young, sua decifração agora é universalmente aceita e tem sido a base para todos os desenvolvimentos posteriores no campo. Consequentemente, ele é considerado o "Fundador e Pai da Egiptologia".